

CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA 1998 N.º 17

HOMENAGEM AO DOUTOR J. M. PEREIRA DE OLIVEIRA



A PERCEÇÃO DA POPULAÇÃO SOBRE A CIDADE ESPAÇO DE VIDA

Norberto Pinto dos Santos *

Como se escreveu noutro trabalho (Gama; Santos, 1991) a estrutura urbana da cidade de Coimbra (Fig. 1) organiza-se em torno de um centro que inclui uma área comercial (predominantemente tradicional, embora com a inclusão de novas formas de comércio), a Universidade e os espaços imediatamente contíguos. O núcleo comercial identifica-se com a Baixa, definindo um espaço limitado, por um lado, pelo rio e, por outro pelas ruas Ferreira Borges (A), Visconde da Luz (B), Sofia (C) e Figueira da Foz (D) e pela Avenida Emídio Navarro (E).

Neste centro deve incluir-se também a Alta da cidade, onde se situa a Universidade, assim como a Avenida Sá da Bandeira (F) e a Praça da República (G). É logo no núcleo estruturante da cidade que se identifica um carácter dual, com a especialização comercial da Baixa e a Universidade, na Alta, a que se juntam, também, os pequenos serviços e os espaços de residência estudantil e, ainda, as extensões mais modernas da Avenida Sá da Bandeira e Praça da República. Estas áreas são circundadas por espaços verdes frequentados pela população como zonas de lazer, de passeio, de descanso ou de desporto: salientam-se o Parque da Cidade (H), o Jardim de Santa Cruz (I), o Penedo da Saudade (J), o Jardim Botânico (K), as instalações universitárias de Santa Clara (L), a alameda da Av. Sá da Bandeira (F) e, mais periféricos, o Jardim da Casa do Sal (M) e o Choupal (N). À sua volta individualizam-se alguns núcleos de concentração de terciário, nomeadamente Celas (O), Solum (P), o Bairro Norton de Matos (Q), Rossio de Santa Clara — que se pode ver como uma extensão da Baixa na outra margem do Mondego —, Santa Clara (X), São Martinho do Bispo (S) e a rua do Padrão/Casa do Sal (T). Mais recente é o novo núcleo comercial do Vale das Flores (U), que engloba os dois hipermercados de Coimbra (Makro e Continente). Essa é, hoje, a área de maior intervenção urbana em vias-de-comunicação, áreas residenciais e áreas de serviços — públicos e privados — se se entender como fazendo parte dela as intervenções que se estão a efectuar na Solum (P), Casa Branca (V) e Areeiro (W). Por outro lado, os maiores investimentos públicos de reestruturação urbana, que agora se iniciam, têm o rio Mondego como enquadramento físico principal e são o culminar de vários projectos de nobilitação das margens do rio e de organização de áreas, até agora, mantidas como

friches industriais ou às quais não correspondia qualquer tipo de funcionalidade específica.

A mobilidade das famílias efectua-se em torno de quatro vértices onde são tomadas a maioria das opções de mobilidade espacial urbana, visto ser neles que se encontra o fundamental do aparelho comercial e de serviços da cidade. Trata-se da Baixa, da Solum/Rua do Brasil, de Celas e do Vale das Flores.

Combinando novos modos de relação funcional (residência de classes médias e médias-altas, grande acessibilidade motorizada e oferta de comércio e serviços específicos e de qualidade) que não se encontravam na Baixa (local de residência média e média-baixa, com fraca acessibilidade motorizada, grande oferta de comércio e serviços), é hoje possível, em Coimbra, o utilizador/consumidor dar maior valor à individualização. De facto, devido ao leque de opções com que o indivíduo é confrontado, o primado da consciência individual é explorado na interpretação da aquisição, não apenas pelo produto que se compra, mas também pelo simbolismo da aquisição que se materializa, desde logo, com a escolha do lugar de aquisição do bem ou de obtenção do serviço.

Por outro lado, a interacção espacial pendular deixa já perfeitamente integrados no *continuum* de construção pequenos centros urbanos periféricos

Este *continuum*, de características suburbanas, estende-se em forma de 'línguas' acompanhando as principais vias-de-comunicação. Integram-se nestas 'línguas' as três zonas industriais (Pedrulha/ Adémia/ Souselas; Taveiro/ Ribeira de Frades; Antanol/ Banhos Secos) e colocam no espaço suburbano de Coimbra as vilas de Ceira, Souselas e a sede de concelho de Condeixa-a-Nova.

A análise da percepção que cada indivíduo tem da cidade, confrontando-o com um conjunto de modos de utilização do espaço e de funcionalidades, permite a identificação de 'mosaicos urbanos', definindo-se, deste modo, centralidades e funções associadas aos lugares. Assim é possível discriminar espacialmente as acções e as percepções de aquisição de bens e serviços, materializando, por isso, em simultâneo, a necessidade e o desejo. A Fig. 2 apresenta as respostas a doze itens que foram utilizados suscitando, a sua leitura, uma interpretação do espaço urbano, suburbano e, mesmo, periurbano de Coimbra.

Começando pelo *comércio*, é possível corroborar a ideia já expressa da Baixa (4) como núcleo estruturante do aparelho comercial de Coimbra. De facto, são a Baixa, Celas (7), Vale das Flores (19) e S. José/Solum (14) que cons-

* Centro de Estudos Geográficos de Coimbra.

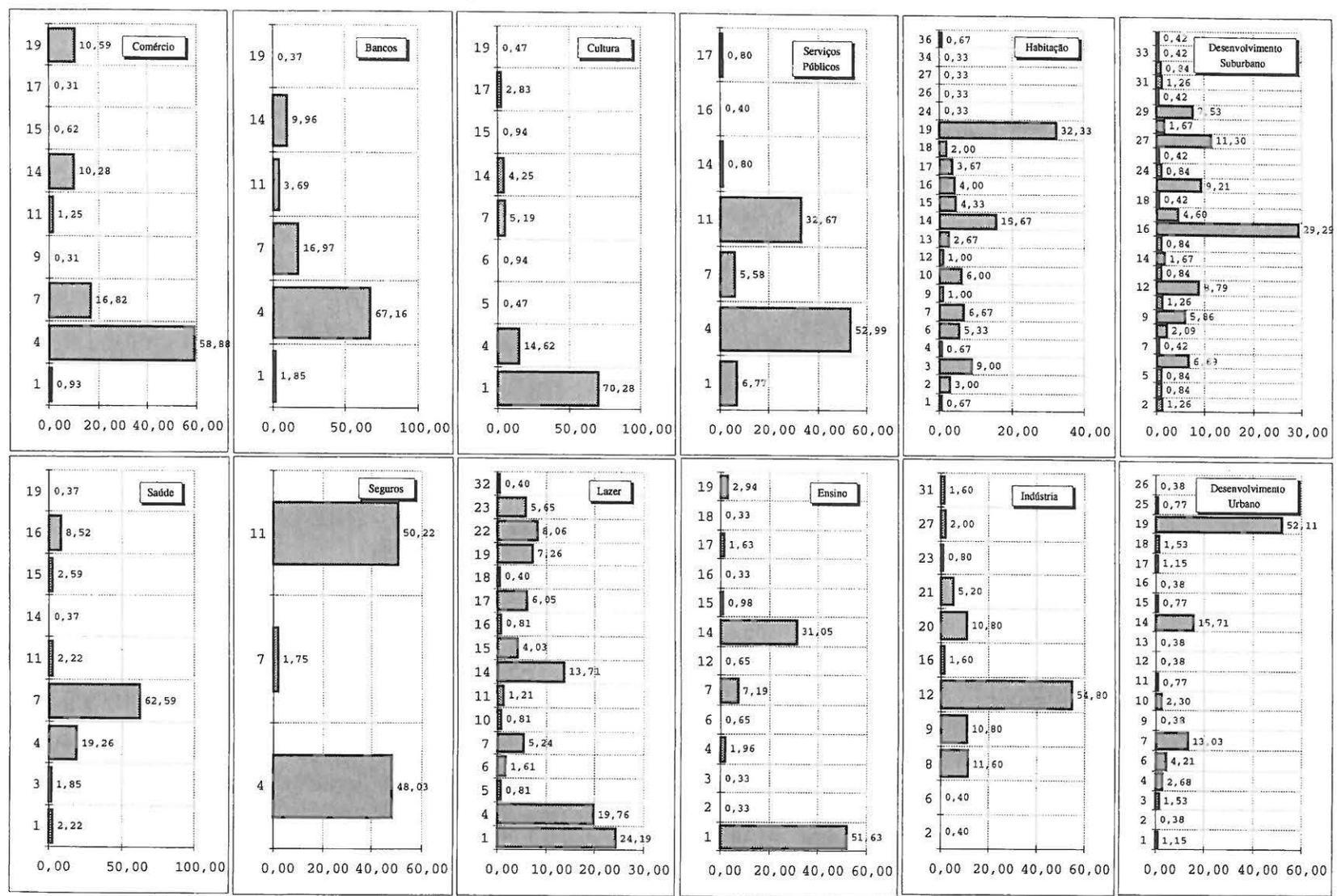


Fig. 2 – Modo de utilização dos espaços de Coimbra pela sua população
 Fonte: Inquérito à população de Coimbra. (1997)

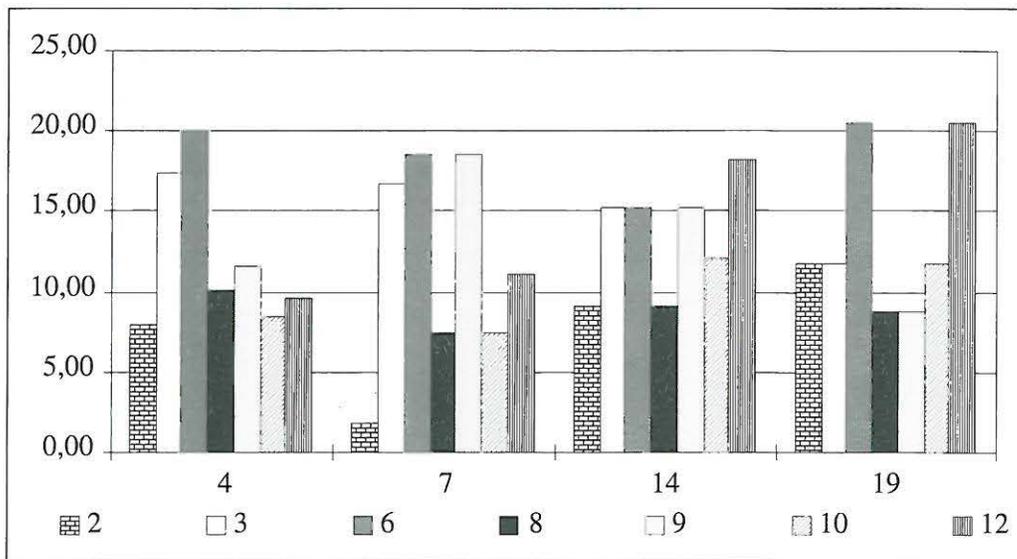
tituem os núcleos estruturadores do aparelho comercial e definem, por isso mesmo, as principais centralidades do espaço urbano. É evidente uma diferenciação no tipo de comércio que se pratica nos diferentes lugares. Mais selectivo nas áreas comerciais organizadas em espaços privados, essa diversidade implica também clientelas diferenciadas. De facto, enquanto há pessoas que efectuem a quase totalidade das suas compras na Baixa, outras há que raramente aí se deslocam.

O aparelho comercial de Coimbra apresenta, então, três características fundamentais: a centralidade da Baixa, a inexistência de um grande centro comercial regional e a dispersão dos equipamentos. Quanto ao primeiro aspecto, é de notar que a Baixa continua a centralizar o comércio da cidade, em quantidade e diversidade, e, mais recentemente, também em qualidade, com uma melhoria da imagem das lojas, a criação de espaços de circulação mais atraentes e agradáveis e com o aparecimento, em número crescente, de *franchisings* ou lojas de marca. A segunda característica implica a inexistência de um equipamento comercial capaz de aliar o carácter simbólico do uso de um centro comercial com, por um lado, as vantagens da diversidade e qualidade de oferta e, por outro lado, a fuga às deseconomias de aglomeração relacionadas com a densificação rodoviária e de população que sucede nas áreas mais centrais da malha urbana (caso da zona envolvente do *Coimbra Shopping*). Por último, e como consequência da

anterior, regista-se a dispersão do aparelho comercial entre quatro núcleos, no interior dos quais não é possível encontrar a satisfação da totalidade das necessidades e desejos de aquisição de bens e serviços de uma parte significativa da população (a classe média e média-alta). Este facto acarreta mobilidades e utilização de tempo acrescidas na aquisição de bens e serviços, em contraponto com o que nas áreas metropolitanas onde os equipamentos comerciais surgem mais concentrados.

Contudo, a mobilidade e utilização referidas diferenciam-se consoante o tipo de categoria sócio-profissional que se aborda. O modo como a população utiliza as áreas comerciais em Coimbra depende, pois, também, do estilo e nível de vida dos indivíduos. Utilizando as categorias sócio-profissionais como modo de identificação de dissemelhanças é possível caracterizar formas diferenciadas de aproveitamento dos equipamentos implantados nos diferentes núcleos comerciais. A Fig. 3 evidencia algumas dessas dissemelhanças.

As percentagens mínimas de utilização das diversas categorias mostram que enquanto as Profissões Liberais (12) as apresentam na Baixa, a Classe baixa/média-baixa empregada nos serviços (2), os Comerciantes e vendedores (8) e os Quadros superiores (10), apresentam-nas em Celas. Por seu lado, os Funcionários Públicos e Forças de segurança (6) deslocam-se menos à Solum e a Classe média-baixa/média empregada nos serviços (3) e os Téc-



Legenda:

Núcleos comerciais: 4 - Baixa; 7 - Celas; 14 - Solum; 19 - Vale das Flores.

Categorias Sócio-Profissionais: 2 - Classe baixa/média-baixa empregada no comércio e serviços; 3 - Classe média-baixa/média empregada no comércio e serviços; 6 - Funcionários públicos e Forças de segurança; 8 - Comerciantes e Vendedores; 9 - Técnicos e Funcionários superiores; 10 - Quadros superiores; 12 - Profissões Liberais.

Fig. 3 – Referências de frequência dos diferentes núcleos comerciais da cidade de Coimbra, segundo as categorias sócio-profissionais

Fonte: Inquérito à população de Coimbra. (1997)

nicos e Funcionários superiores (9) utilizam menos o Vale das Flores. Ressalta, então, uma utilização eclética dos quatro núcleos referidos, embora com a Baixa a apresentar valores mais elevados nas categorias sócio-profissionais com níveis e estilos de vida mais baixos, aqueles em que a qualidade de vida é menos evidente. Por outro lado, a Solum e o Vale das Flores parecem atrair as categorias sócio-profissionais com mais qualidade de vida (9, 10 e 12), deduzindo-se, por isso, uma utilização diferenciada dos espaços urbanos que, por sua vez, induzem os equipamentos que vão sendo implantados nesses mesmos espaços.

Tendo em atenção outros indicadores (Fig. 2), a Baixa assume-se, também, como núcleo de serviços (Bancos, Seguros, Serviços Públicos), representando estes, respectivamente, 67,16%, 48,03% e 52,99% das referências efectuadas e condicionando as mobilidades da maior parte da população, tanto da urbana, como da periurbana e, mesmo, da de territórios mais distantes. Trata-se, por isso, de uma área de extrema importância nas estratégias de consumo da população. No conjunto das áreas identificadas com os serviços (financeiros e públicos), as outras referências efectuadas, para além de valorizarem a importância da Baixa, através do seu prolongamento para Norte (Av. Fernão de Magalhães — 11) definem um núcleo secundário de serviços, coincidente com Celas, que há que ter em consideração, tanto no modo como afecta a mobilidade espacial geral das populações, como no modo como condiciona as mobilidades de consumo.

Foi, também, possível identificar alguns outros núcleos com funcionalidades específicas. Assim, em Coimbra, Celas é o núcleo da *Saúde*, a Alta, o do *Ensino*, *Cultura* e *Lazer* e o Loreto/Pedrulha, o da *Indústria*.

Com a implantação do novo Hospital da Universidade de Coimbra (HUC) na área de Celas, próximo do Hospital Pediátrico, do Instituto Português de Oncologia e da Escola de Enfermagem, verificou-se uma mudança significativa na distribuição dos equipamentos de *Saúde* na cidade. Deixando a Alta da cidade, o HUC impõe novas mobilidades e, em 1997, já são poucas as pessoas que associam a Alta à *Saúde*. Na realidade, a deslocalização dos HUC para Celas levou consigo uma parcela significativa de consultórios médicos privados que, todavia, continuam a atribuir à Baixa um significado interessante no âmbito dos lugares que facultam o acesso aos serviços de *Saúde*. Aliás, essa função é, também, associada a São Martinho do Bispo/Covões (10), mas, neste caso, devido ao hospital e à Escola de Enfermagem aí implantados.

Por seu turno, o núcleo do *Ensino*, *Cultura* e *Lazer* tem, na Alta (Morro da Universidade, Praça da República, Jardim Botânico e Av. Sá da Bandeira), a sua máxima expressão. Sendo Coimbra conhecida e reconhecida como a cidade dos estudantes, este núcleo funcional é de evidente importância na organização dos percursos dos indivíduos (os directamente relacionados — estudantes, funcionários, docentes, fornecedores — e a população em geral). Toda-

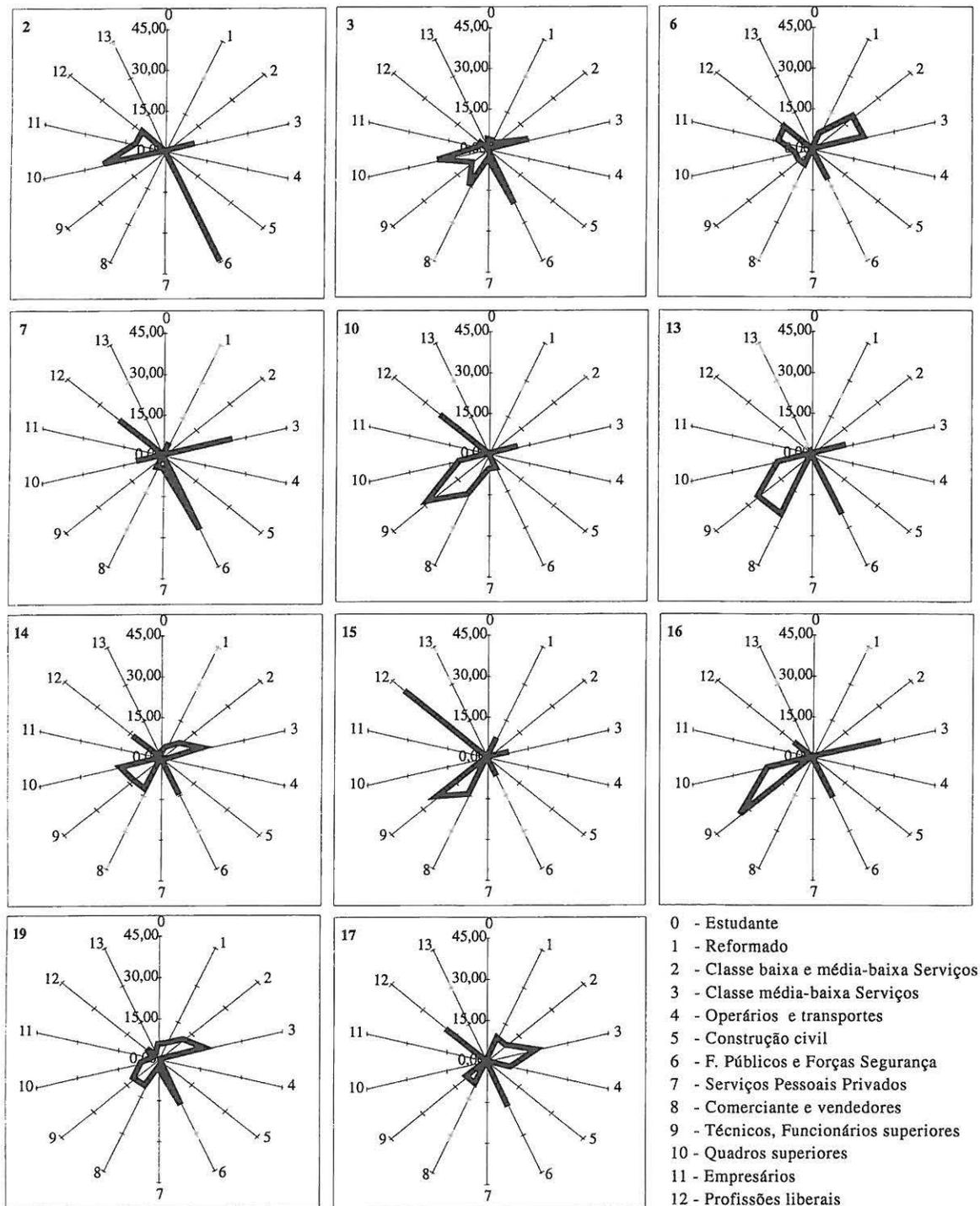
via, a par com a Alta salienta-se um núcleo secundário (São José/Solum) com 31,05% de referências contra os 51,63% de Alta; em paralelismo com a Baixa, estas áreas correspondem à percepção tida pela população dos lugares da cidade que mais valorizam o *Lazer*, como aliás sucede também com as actividades culturais, embora, sejam principalmente a Alta e a Baixa (o centro da cidade de Coimbra) que concentram essas manifestações.

Além de centro de serviços financeiros e públicos, a Baixa é também, em suma, um lugar de referência no que diz respeito a realizações culturais e actividades de lazer, continuando a demarcar-se como, salvaguardadas as devidas proporcionalidades, o CBD de Coimbra. Contudo, quando se analisam os itens *Habituação* e *Desenvolvimento Urbano*, a Baixa deixa de ter a importância evidenciada com outras funções. De facto, perde (ou vê enfraquecida) a sua função residencial e, consequentemente, a noite transforma-se aí em tempo segregado, afastando a população e atraindo grupos marginais ou excluídos, assim se criando barreiras psicológicas ao acesso a esses espaços.

No âmbito dos espaços residenciais as Figs. 4 e 5 mostram que a segregação do espaço urbano, tendo por base a habitação das categorias sócio-profissionais, não é um fenómeno inequívoco. De facto, embora existam algumas diferenciações, a existência, lado a lado, de urbanizações recentes e implantações urbanas mais antigas, com características distintas entre si, faz com que exista uma fraca segregação espacial quando se tem por base a habitação. Só quando se desce a análises de grande pormenor e de individualização de bairros é possível definir claramente essas diferenciações. Todavia, os actuais projectos de urbanização assumem a criação dessa segregação: o Ingote, com classes baixa e média-baixa; a Solum, e a encosta da Casa Branca até ao Alto de São João, com classes média-alta e alta, por exemplo.

Quando se procuram localizar os lugares de implantação da residência das diferentes categorias sócio-profissionais releva-se, desde logo, uma semelhança entre todas elas: o centro da cidade (Baixa + Alta) não é entendido como espaço residencial. Esta 'fuga' do centro urbano (principalmente da Baixa) tem promovido o aparecimento de espaços residenciais suburbanos, mas também tem criado as condições para o aparecimento de novas áreas habitacionais no seio da cidade. A estas corresponde igualmente a imagem de maior Desenvolvimento Urbano (devido à quantidade de investimentos em equipamentos e infra-estruturas que isso implica), sublinhando-se, deste modo, a importância do simbólico através da relação estabelecida entre o espaço e o modo de habitar.

A Fig. 5 mostra, precisamente, o afastamento da residência das áreas centrais da cidade, embora esse afastamento dependa, também, do próprio estilo e nível de vida das populações. É evidente a grande dispersão das categorias com nível e qualidade de vida mais baixos (3 e 6), enquanto as categorias a que se associam nível e qualidade de vida mais elevados assumem um maior protagonismo na segre-



Legenda:

2 - Areeiro/Alto S.João; 3 - B.N.Matos/Arregaça; 6 - Boavista/pinhal de Marrocos; 7 - Celas;
 10 - Elísio de Moura /S. Sebastião; 13 - Monte Formoso/Ingote; 14 - S. José/Solum;
 15 - Sto António Olivais; 16 - São Martinho Bispo/Covões; 17 - Santa Clara; 19 - Vale das Flores

Fig. 4 – Identificação dos diferentes núcleos habitacionais da cidade de Coimbra, segundo as categorias sócio-profissionais
 Fonte: Inquérito à população de Coimbra. (1997)

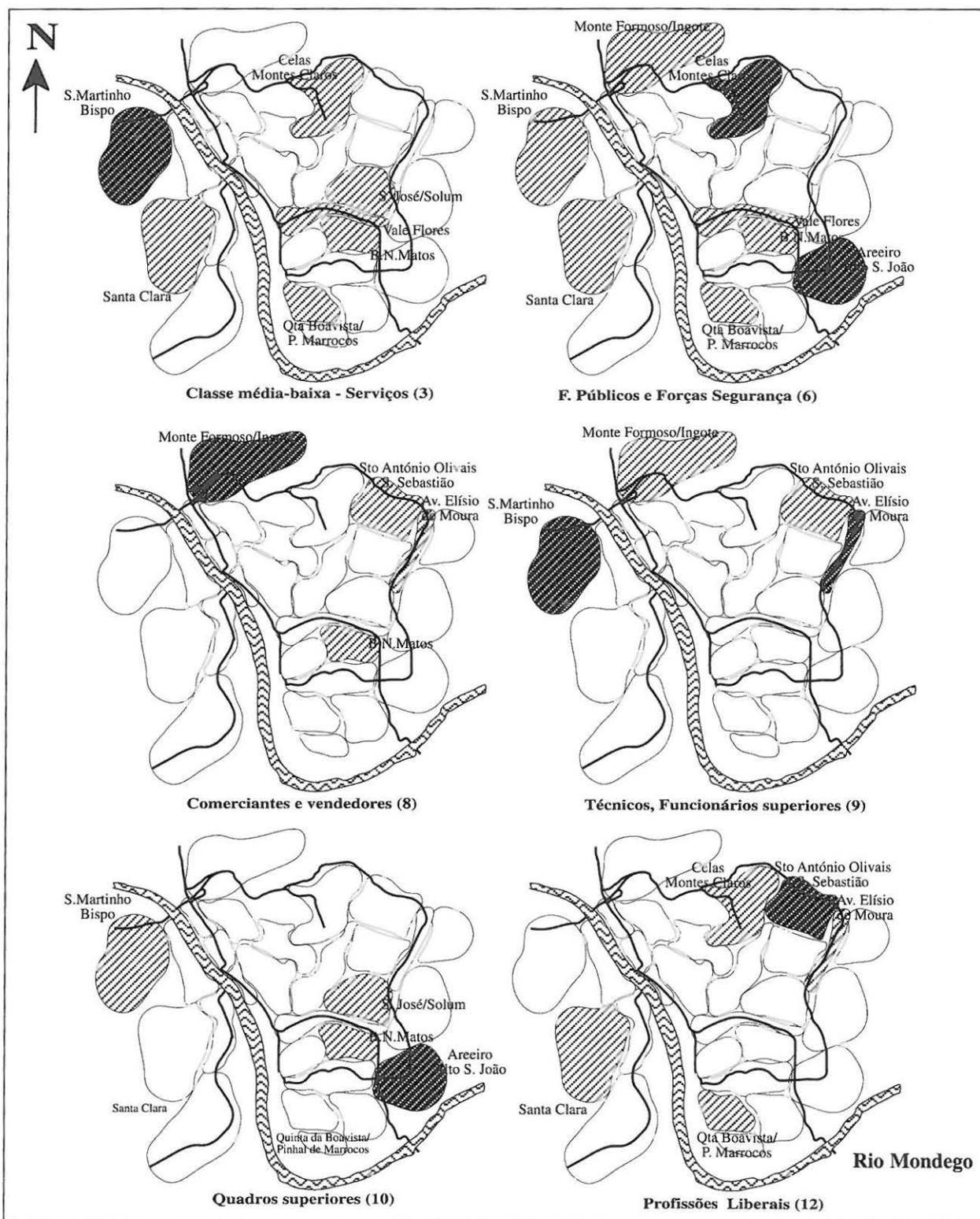


Fig. 5 – Distribuição espacial das referências às áreas de residência na cidade de Coimbra, segundo as categorias sócio-profissionais

Fonte: Inquérito à população de Coimbra. (1997)

gação espacial com intuitos residenciais. Se os Técnicos e Funcionários superiores (9) se encontram mais na parte Norte da cidade (desde a Av. Elísio de Moura, passando por Santo António dos Olivais, Monte Formoso, até São Martinho do Bispo), os Quadros superiores (10) fazem da parte Este a sua área preferencial de habitação (Alto de S. João, Areeiro, Bairro Norton de Matos e Solum), enquanto os trabalhadores de Profissões liberais (12) definem três núcleos de habitação (Santa Clara, Quinta da Boavista/Pinhal de Marrocos e parte norte da cidade) sendo Celas, Montes

Claros, Santo António dos Olivais e a Av. Elísio de Moura os lugares mais referidos como espaços de residência.

Conclui-se, pois, que a Baixa mantém a centralidade de serviços e parece revitalizar a sua função comercial, mantendo-se como lugar de referência nos consumos urbanos, mas que a cidade começa a ter outros núcleos estruturantes de percursos, mobilidades, investimentos e consumos; entre estes salientam-se Celas, Solum e Vale das Flores, principais áreas de desenvolvimento urbano, segundo a população inquirida.